

“PROFESSORES-YOUTUBERS”: ANÁLISE DE TRÊS CANAIS DO YOUTUBE VOLTADOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Tereza M. Spyer Dulci¹
Tarcísio Moreira de Queiroga Júnior²

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa que procura compreender como se dá o processo de ensino de História no *YouTube*, a partir de um estudo de caso de "professores-youtubers" em três canais dedicados ao ensino de História nesta plataforma. Investigou-se *youtubers* que utilizam a plataforma como espaço para publicar suas aulas, produzir e divulgar conhecimento histórico. Diante da atual conjuntura das novas tecnologias de informação e comunicação disponíveis, que aos poucos vão se conectando e transformando as práticas educacionais, buscou-se analisar três dos canais mais visualizados no Brasil: “Leitura Obrigatória”; “Se Liga Nessa História” e “Vamos Falar de História?”. O objetivo central é compreender a relação desses *youtubers* com a plataforma, dentro da cultura participativa da *Web 2.0*, juntamente com o ensino de História e seu público.

Palavras-chave: Ensino de História. *YouTube*. Cultura Participativa. "Professores-Youtubers".

“TEACHERS YOUTUBERS”: ANALYSIS OF THREE CHANNELS OF YOUTUBE DEDICATED TO THE TEACHING OF HISTORY

Abstract: This article is the result of a research that sought to understand the process of teaching History on YouTube, from a study case of "teachers youtubers" in three channels dedicated to teaching History on this platform. We investigated youtubers who use the platform as a space to publish their lessons, produce and disseminate historical knowledge. In view of the current situation of the new information and communication technologies available, which gradually connect and transform educational practices, we sought to analyze three YouTube channels among the most viewed in Brazil: "Leitura Obrigatória"; "Se Liga Nessa História" and "Vamos Falar de História?". The mainly objective is to understand the relationship of these youtubers with the platform, within the participative culture of Web 2.0, together with the teaching of History and its audience.

Keywords: Teaching History. *YouTube*. Participatory Culture. "Teachers Youtubers".

“PROFESSEURS-YOUTUBERS”: ANALYSE DE TROIS CANAUX DE YOUTUBE DÉDIÉS À L'ENSEIGNEMENT DE L'HISTOIRE

Résumé: Cet article est le résultat d'une recherche qui vise à comprendre le processus d'enseignement de l'histoire dans le YouTube, à partir d'une étude de cas de "professeurs-youtubers" en trois canaux dédiés à l'enseignement de l'histoire sur cette plateforme. On a investigué youtubeurs qui utilisent la plateforme comme un espace pour publier leurs classes, produire et diffuser des connaissances historiques. En actuelle conjuncture des nouvelles

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Atua no Ciclo Comum de Estudos (na área de Fundamentos da América Latina) e nos cursos de Relações Internacionais e Integração e de Especialização em Ensino de História e América Latina, e também no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), na linha de pesquisa Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais.

² Licenciado em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

technologies de l'information et de la communication disponibles, qui peu à peu vont en se connectant et se transformant les pratiques éducatives, on a cherché à analyser trois canaux de YouTube parmi les plus regardées au Brésil: "Leitura ObrigaHistória"; "Se Liga Nessa História" e "Vamos Falar de História?". L'objectif central est de comprendre la relation de ces youtubeurs avec la plateforme dans la culture participative du Web 2.0, et avec l'enseignement de l'histoire et de son public.

Mots-clés: Histoire de l'enseignement. YouTube. Culture participative. "Professeurs-Youtubers".

“PROFESORES-YOUTUBERS”: ANÁLISIS DE TRES CANALES DE YOUTUBE CENTRADOS EN LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA

Resumen: Este artículo es fruto de una investigación que, a partir de un estudio de caso de "profesores-youtubers" en tres canales dedicados a la enseñanza de la Historia, busca comprender cómo se da el proceso de enseñanza de la Historia en YouTube. Se estudian youtubers que utilizan la plataforma como espacio para publicar sus clases, producir y divulgar conocimiento histórico. Ante la actual coyuntura de las nuevas tecnologías de información y comunicación disponibles que, poco a poco van conectando y transformando las prácticas educacionales, se buscó analizar tres canales entre los más visualizados en Brasil: "Leitura ObrigaHistória"; "Se Liga Nessa História" y "Vamos Falar de História?". El objetivo central es comprender la relación de esos youtubers con la plataforma, dentro de la cultura participativa de la Web 2.0, conjuntamente con la enseñanza de Historia y su público.

Palabras-clave: Enseñanza de Historia. YouTube. Cultura Participativa. "Profesores-Youtubers".

Introdução

Esta pesquisa tem como mote o trabalho que desenvolvemos em escolas públicas no período de estágio supervisionado na graduação, curso de Licenciatura em História. Percebemos uma grande utilização do *YouTube* por estudantes do ensino fundamental e ensino médio como suporte de entretenimento e, também, como instrumento auxiliar na compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Além de termos observado este fenômeno entre estudantes do ensino fundamental e médio, notamos também que esse método de estudo é empregado por universitários e, em ambos os casos, o *YouTube* é utilizado como ferramenta paralela ao professor, não como fonte primária, mas sim como um facilitador ao acesso e compreensão de certas narrativas e conceitos históricos. A plataforma é uma ferramenta que expõe as informações em uma linguagem mais acessível, por utilizar-se dos recursos audiovisuais para uma maior atratividade.

O *YouTube* é frequentado por mais de um bilhão de pessoas todos os meses de acordo com informações disponíveis na própria plataforma (YOUTUBE, 2019), o que

representa quase um terço dos usuários da internet. Portanto, a importância social do *YouTube* é inegável, sendo legitimada por meio das milhões de visualizações, comentários, compartilhamentos e conteúdos produzidos diariamente e acessíveis gratuitamente.

Posto isso, destacamos o impacto cultural que as novas tecnologias da informação e comunicação estão proporcionando para a sociedade, isto é, a partir da cultura digital as relações humanas estão mudando. Nesse sentido, a internet revolucionou o modo como nos comunicamos, interagimos e compartilhamos informações, e trouxe:

[...] consigo inúmeros impactos que, por sua vez, atingiram diversas áreas sociais. A educação não escapa dessa mudança. Cada vez mais a tecnologia se faz presente na escola e no aprendizado do aluno, seja pelo uso de equipamentos tecnológicos seja por meio de projetos envolvendo educação e tecnologia (DE OLIVEIRA, 2015, p.76).

A tecnologia em geral, além de estar cada vez mais presente no ambiente escolar, abre possibilidades para que os profissionais do ensino atuem ou migrem do ambiente escolar para o ambiente virtual, sendo o *YouTube* o meio mais utilizado por esses profissionais. Nesse sentido, torna-se indispensável refletir sobre como esses profissionais estão utilizando e apropriando-se dessa plataforma para o ensino.

Ademais, o espaço virtual está avançando significativamente no campo educacional devido a massiva popularização da plataforma, o que nos faz repensar sobre o uso da mesma e a função social dos docentes que atuam no *YouTube*, sendo o escopo deste trabalho os canais de cunho histórico. Portanto, a partir de um estudo de caso, pretende-se analisar o que esses profissionais priorizam, os métodos adotados para se destacarem e como eles se apropriam desse espaço virtual.

Por último, vale ressaltar que esta pesquisa se deu por meio de observação, coleta de dados, aplicação de questionário e estudo de três canais de “professores-youtubers” dedicados ao ensino de História. Dentre os canais selecionados – utilizamos como critério de seleção os mais visualizados que trabalham com o ensino de História – dois deles, o “Se Liga Nessa História” e o “Leitura Obrigatória”, são encabeçados por licenciados em História, que também são *youtubers*. Diante da pouca produção de pesquisa e ainda sendo esta uma área de estudo pouco explorada devido a atuação desses *youtubers* ser algo bem contemporâneo, juntamente com a alta complexidade do ensino de História no *YouTube*, optou-se por categorizar esses profissionais como “professores-youtubers”.

***YouTube*, Cultura Participativa e o mercado educacional**

O *YouTube* ocupa a segunda colocação no ranking entre os sites mais acessados do mundo, sendo superado apenas pelo *Google* (ALEXA, 2018). A história dessa plataforma é bastante recente e ainda são escassos os estudos sobre a mesma. Segundo Jean Burgess e Joshua Green (2009), o *YouTube* foi fundado em junho de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio *PayPal*. Buscava ser um repositório de vídeos, tendo sido posteriormente comprado por 1,65 bilhão de dólares pela empresa *Google LLC* em outubro de 2006, chegando ao Brasil somente no ano de 2007. Assim, foi criado diante da necessidade de:

[...] compartilhar vídeos entre os usuários, ao permitir subir na rede de forma gratuita, ilimitada e sem restrições, facilitando que a sua visualização pública ou privada, possa classificá-los por temáticas, e gerar conversas entre os usuários mediante comentários (GUZMÁN, MORAL, 2014, p. 72).³

O *YouTube* proporciona aos usuários a gestão de suas contas por meio de um canal, “etiquetando documentos audiovisuais hospedados na internet para realizar buscas seletivas, permitindo aos usuários personalizarem serviços de acordo com suas preferências e gerar links através de outras redes sociais (Facebook, LinkedIn e Twitter)” (GUZMÁN, MORAL, 2014, p. 72). Portanto, os usuários podem produzir e compartilhar vídeos com facilidade para que outras pessoas ao buscar sobre determinado assunto, de acordo com as suas preferências, consigam pesquisar e assistir de qualquer lugar do mundo e em múltiplas línguas, já que está disponível em mais de 70 idiomas.

A plataforma funciona dentro dos moldes da *Web 2.0*. Esse conceito “[...] e tudo que este envolve nasceu em consequência da crise que afetou o mercado da internet e que originou a falência de várias empresas durante o outono de 2001” (PEDRO, 2010, p. 93). Ainda segundo Alexandra Pedro:

Foi então que numa sessão de *brainstorming* entre a O’Reilly Media e a Media Live International, onde se discutia a possibilidade da realização futura de uma conferência sobre a Internet, os intervenientes, partindo da expansão vivida pela Internet mesmo após a crise de 2001 e apontando que as empresas que tinham sobrevivido à crise pareciam ter características em comum, usaram pela primeira vez o termo *Web 2.0* para aludir a uma evolução da Internet (PEDRO, 2010, p. 94).

³ Neste artigo as traduções do espanhol para o português são de nossa autoria.

Assim, em determinado momento, a internet propiciou maior participação de seus usuários, que passaram a ser produtores/colaboradores, ativos na produção dos conteúdos *on-line*, indo além de meros espectadores estáticos, o que favoreceu a consolidação de maior dinamismo virtual. Nesse sentido, como afirmam Bottentuit Júnior, Iahn e Bentes (2007, p.7), muitos dos usuários, devido ao rápido processo da mudança, nem se deram conta de que a internet transformou o seu paradigma. Ainda segundo estes autores:

A primeira geração da Internet teve como principal atributo a enorme quantidade de informação disponível, e que todos podíamos aceder. No entanto, o papel do usuário neste cenário era o de mero espectador da ação que se passava na página que visitava, não tendo na maioria dos casos autorização ou conhecimento para alterar ou reeditar o seu conteúdo. [...] A Web 1.0 trouxe grandes avanços no que diz respeito ao acesso à informação e ao conhecimento, porém a filosofia que estava por detrás do conceito de rede global foi sempre a de um espaço aberto a todos, ou seja, sem um “dono” ou indivíduo que controlasse o acesso ou o conteúdo publicado. Houve sempre uma preocupação por tornar este meio cada vez mais democrático, e a evolução tecnológica permitiu o aumento do acesso de utilizadores possível pelo aumento da largura de banda das redes, pela possibilidade de se publicarem informações na web, de forma fácil, rápida e independente de software específico, linguagem de programação ou custos adicionais (BOTTENTUIT JUNIOR, IAHN, BENTES, 2007, p. 6).

A partir desse caráter participativo foi possível o desenvolvimento de outras ferramentas, como por exemplo, as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras. Já como ferramentas de escrita com um viés colaborativo surgiram *blogs*, *Wikis* e *Podcast's*. Depois, despontaram as ferramentas de mensagens instantâneas e de comunicação por voz, tais como *Google Talk*, *Skype* e *Whatsapp*. Porém,

[...] a Web 2.0 não se restringe ao aparecimento e proliferação destas ferramentas, mas sim a utilização de forma coletiva e social da grande infinidade de ferramentas e serviços disponíveis, fazendo com que a informação seja partilhada livremente e construída a partir da colaboração de todos os utilizadores da rede (BOTTENTUIT JUNIOR; IAHN; BENTES, 2007, p. 9).

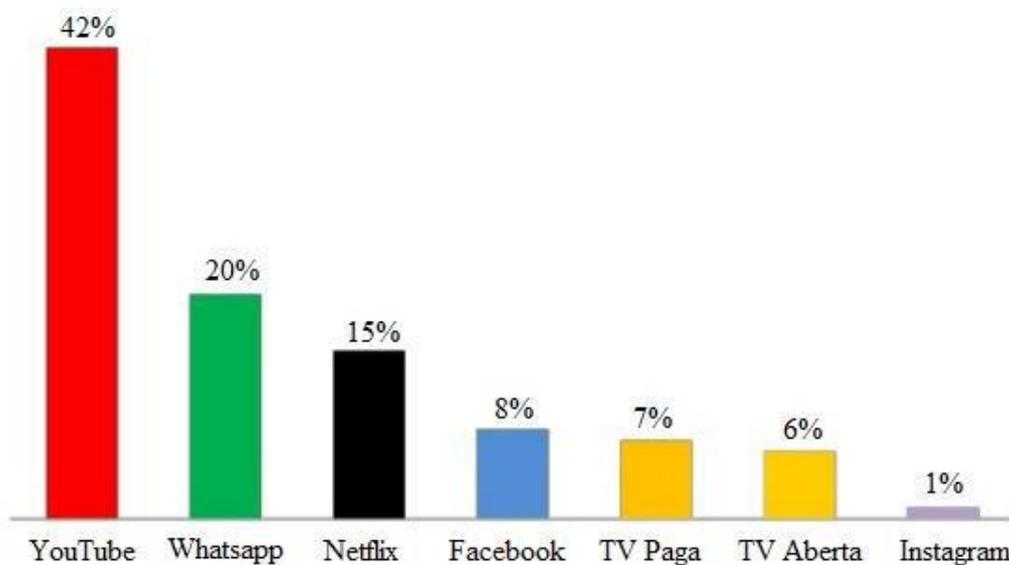
Essas ferramentas virtuais se apropriaram dessa onda de cooperação e dos conteúdos elaborados pelos usuários para criarem negócios lucrativos, tratando-se de um terreno fértil para aqueles fundamentados nessa cultura participativa, tal qual o *YouTube* se aplica, sendo que “[...] a cultura participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário, é seu principal negócio” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 23).

Destarte, a plataforma possui uma dupla identidade e deve ser compreendida como negócio e, também, como fonte co-criada por usuários. Dados do projeto “*Pew*

Internet & American Life Project”, que busca estudar a evolução da internet, nos informam que mais da metade dos adolescentes já criaram algum conteúdo de mídia, e aproximadamente um em cada três usou a internet para compartilhar o conteúdo que produziu (PEW RESEARCH CENTER, 2018). Já de acordo com o serviço *We are social*, o número de usuários da internet em 2018, até o momento de elaboração deste artigo, é de 4,021 bilhões, um aumento de 7% em relação ao ano de 2017. E o número de usuários de mídia social, também em 2018 até a presente data, é de 3,196 bilhões, 13% a mais que no ano anterior (WE ARE SOCIAL, 2018).

No Brasil o *YouTube* apresenta números muito expressivos. Um relatório intitulado “*De Play em Play*”, de julho de 2017, da *Think with Google*, atesta que existem 98 milhões de brasileiros conectados à internet, e aproximadamente 95% dos brasileiros *on-line* acessam a plataforma pelo menos uma vez por mês. O índice aumenta para 96% entre pessoas de 18 e 35 anos (THINK WITH GOOGLE, 2017). De fato, o *YouTube* é a plataforma preferida dos brasileiros para assistir aos conteúdos do seu interesse, superando a TV, conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 1. Plataformas de preferência para assistir aos conteúdos de vídeo de interesse.



Fonte: *Estudo Video Viewers*, 2017.

Retomando o relatório “*De Play em Play*” (2017), este traz um dado que chama bastante atenção: 63% dos consumidores declararam que não conseguiriam viver sem o *YouTube*. E 31% das pessoas que participaram das pesquisas afirmam que a plataforma pode ser considerada como fonte de aprendizado, sendo que 79% considera que assistir

vídeos tutoriais é melhor do que fazer leitura de instrução. Desse modo, para alguns usuários o espaço da cultura digital dá a ideia de ser local mais propício para o aprendizado do que a instrução mais tradicional, não digital. Ademais, 88% dos consumidores que apresentam mais afinidades com o *YouTube* possuem diploma de ensino médio ou ensino superior completo. Portanto, entendemos que o índice de escolarização está diretamente relacionado ao maior uso da plataforma.

Tabela 1. Relevância da educação no *YouTube*.

	YouTube	TV Aberta	TV Paga	Facebook	Instagram
<i>Quando eu quero aprender sobre alguma coisa</i>	65%	10%	8%	17%	4%
<i>Traz informações que aumentam meu conhecimento</i>	52%	23%	20%	30%	6%
<i>É o lugar para ver e entender o que acontece no mundo</i>	43%	35%	28%	36%	9%

Fonte: *Estudo Video Viewers*, 2017.

Diante dos dados apresentados na Tabela 1, infere-se que o *YouTube* tem um significativo espaço no mercado educacional, e passou a explorar tal campo, tanto que desenvolveu e lançou no Brasil, em outubro de 2013, um projeto chamado *YouTube EDU* – uma plataforma de educação gratuita em português, que reúne vídeos de educação produzidos e selecionados por docentes de distintos canais. Os idealizadores alegam que essa é uma maneira de garantir a qualidade das aulas virtuais na plataforma e, além disso, assegurar a veracidade das informações prestadas. Ainda afirmam ter como propósito auxiliar docentes e estudantes:

Se você estiver fazendo uma pesquisa para um projeto, precisando de ajuda em sua tarefa escolar ou apenas querendo aprender algo novo, o YouTube Edu é o seu lugar! Se você é professor, no YouTube Edu você poderá submeter suas videoaulas para publicação, ou ainda escolher outras aulas para utilizar com seus alunos! O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do YouTube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados pelo Sistema de Ensino Poliedro e coordenados pela Fundação Lemann. Os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as disciplinas: Língua Portuguesa,

Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa (YOUTUBE EDU, 2018).

Da mesma forma que o *YouTube*, em parceria com a Fundação Lemann, explora o fértil mercado educacional, os “professores-youtubers” também se beneficiam do potencial econômico da plataforma. Ou seja, a partir dos recursos audiovisuais que atingem mais pessoas e se mostram mais atraentes, como afirmam Bispo e Barros (2016, p. 867), os docentes conseguem realizar sua autopromoção, por meio das visualizações diárias, semanais e mensais que garantem retorno financeiro e simbólico. Ainda, segundo as autoras:

É neste momento que se começa a pensar no comércio das ideias, como no exemplo de profissionais que conquistam rapidamente o seu leitor/espectador com um vídeo de curta duração e oferecem um conteúdo mais aprofundado através da venda de e-books ou livro impresso, disponível para venda, inclusive pelo Facebook (BISPO; BARROS, 2016, p. 867).

O fato de o *YouTube* proporcionar uma educação mais acessível, não o exclui da lógica de mercado, pois o conhecimento é transformado em mercadoria. E para atender as demandas do mercado, dentro dos moldes da cultura participativa, o *YouTube* depende dos profissionais que se dedicam a produção de conteúdos. Nesse sentido, a história está sendo muito procurada na plataforma, e o risco desse fenômeno é a qualidade do material disponível, que em muitos casos é criado por pessoas sem treinamento profissional na área.

Essa história produzida por leigos costuma ser uma história muito ruim. A história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público, e sim a história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas (MALERBA, 2014, p. 32).

Assim, percebemos que existe uma significativa demanda social para a história em muitos meios, mas como declara Jurandir Malerba (2014), o problema é que essa história é de qualidade questionável, uma vez que nem sempre segue parâmetros teórico-metodológicos característicos do campo, ou seja, sem o rigor científico da História. Partindo do pressuposto que qualquer um pode escrever história, isso não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade.

Quem são os *youtubers*?

Aqueles que têm um canal no *YouTube* tornam-se, automaticamente, *youtubers*. Conforme afirmam Motta, Bittencourt e Viana (2014), o ato de postar um vídeo na plataforma faz com que o internauta se converta em um canal de comunicação, lhe permitindo ser um formador de opinião autônomo e envolver terceiros na troca de ideias e na construção de conhecimento em torno de diversos temas. Desse modo, esses produtores de vídeos são:

[...] chamados de *Youtubers* e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O *Youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, hiperlink ou pela assinatura de seu canal (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p. 4).

A assinatura é um recurso que permite ao usuário receber notificações em seu e-mail sempre que um novo vídeo for postado. Assim, “os assinantes dos canais dos *youtubers* agrupam-se por interesse no conteúdo ou graças à sensação (ou desejo) de pertencimento” (WOODWARD, 2000, p. 8 apud MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.4). E estes interagem com comentários, respostas e avaliações de “gostei” ou “não gostei”.

Essa lógica avaliativa dos canais de “professores-*youtubers*” se dá radicalmente de forma invertida ao que ocorre no contexto escolar, pois é o público (os estudantes consumidores) que avaliam os professores, o que gera receita para os canais e, conseqüentemente, para os docentes. Porém, isso precariza o trabalho desses profissionais, pois o professor se transforma em um prestador de serviços refém dos *likes*. Assim, na medida em que não atenda aos interesses de seus seguidores, ele pode ser facilmente descartado.

Dentro desse contexto educacional virtual, ou seja, à distância, sem contato presencial entre docentes e discentes, torna-se importante destacar o fato de que o ensino à distância não é nenhuma novidade. Segundo Fernandes e Ferreira, durante o Estado Novo (1937-1945), foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo, no qual o Estado financiava a produção de filmes educativos, “usados como elementos construtivos de propaganda governamental e implementados para as massas como slogans ideológicos, de acordo com os interesses do Estado” (FERNANDES; FERREIRA, 2012, p. 4).

Posteriormente, como apontam Bispo e Barros (2016, p. 859) foram surgindo novas modalidades de ensino à distância, como o Telecurso, da Fundação Roberto Marinho, o qual especificamente com relação ao ensino de História:

[...] teve seu conteúdo enriquecido com novas linguagens, como a linguagem teatral, mas não deixou de manter a velha característica de ensino em que o professor leva o conteúdo ao aluno que o recebe passivamente. Na década de 1980, o videocassete entra em cena e passa, junto com a televisão, a complementar o que antes só era possível apenas no livro didático. Mesmo assim, o acesso a conteúdos específicos que hoje encontramos rapidamente em documentários, filmes, palestras, reportagens não era possível através da internet (BISPO; BARROS, 2016, p. 859).

Nesse modelo de educação à distância não havia interação entre os produtores de conteúdos e os alunos, os quais recebiam as informações de forma passiva. Já o *YouTube*, por sua parte, possibilita certa interação com os “professores-*youtubers*” e com outros usuários que comentam os vídeos. O número de inscritos, de visualizações e avaliações é determinante para que um canal tenha sucesso na plataforma, ou seja, o ganho monetário desses canais está diretamente interligado à quantidade de público que o acessa.

O mercado já oferece alguns cursos preparatórios para se tornar um *youtuber*, e esses cursos trazem uma noção técnica do universo audiovisual e também fornecem instruções de como gerenciar o canal e os lucros obtidos (CREATOR ACADEMY, 2019). Nesse sentido, pode-se inferir que a implantação da terceirização também se faz presente no mundo virtual, pois dentro dessa lógica de auto-gerenciamento, os sujeitos tornam-se empreendedores de si mesmos. Assim, a empresa arrecada valores consideráveis com a produção desses profissionais e, ainda, isenta-se da responsabilidade para com essas pessoas.

Não obstante, os assinantes dos canais agrupam-se por interesse no conteúdo ou devido à sensação de pertencimento, e essa agregação “dos sujeitos em grupos de interesse comprova a ideia de que os *Youtubers* podem ser considerados líderes de opinião, em função do volume de pessoas que recebem suas mensagens e da discursividade que se estabelece em seus vídeos” (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p. 4). Portanto, a plataforma promove uma intensa disseminação de ideias, porém, como todos os espaços sociais, têm seus problemas. Alguns *youtubers* propagam ideias e discursos de ódio, atrelados a episódios de homofobia, machismo, racismo, entre outros. Em muitos casos demonstra-se certa falta de conhecimento sobre determinados assuntos.

Por isso a necessidade de estudarmos e compreendermos as vantagens e limitações deste espaço para o ensino.

Nesse sentido, segundo João Mattar (2009), algumas universidades norte-americanas oferecem cursos sobre o *YouTube* para educadores, como o curso “*Youtube for Educators*” oferecido na *Boise State University*, bem como a disciplina intitulada “*Learning from Youtube*”, ofertada na *Pitzer College* em cursos de graduação. Sendo que, “há experiências com resultados positivos e negativos com o Youtube enquanto instrumento de ensino-aprendizagem” (BISPO; BARROS, 2016, p. 860).

Canais para o ensino de História

Todavia, quando trabalhamos com temas relacionados à função do professor no processo de construção do conhecimento, é sempre importante destacar que essa é uma “[...] profissão complexa e, tal como as demais profissões, é aprendida. Os processos de aprender a ensinar, de aprender a ser professor e de se desenvolver profissionalmente são lentos” (MAZUKAMI, 2013 apud CAINELLI; RAMOS; CUNHA, 2016, p. 190). Assim, acreditamos que ser professor não é uma profissão inata, na qual o sujeito já nasce com a “vocação” para ensinar, pois o docente está em constante aprendizado.

Deste modo, compreende-se que a formação dos professores se dá através de processos de longo prazo e como acrescentam as autoras: “Iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de licenciatura e prolongam-se por toda a vida, alimentados e transformados por diferentes experiências profissionais e de vida” (MAZUKAMI, 2013 apud CAINELLI; RAMOS; CUNHA, 2016, p. 190). Ou seja, a profissão de professor exige constante aperfeiçoamento e para isso acredita-se ser fundamental que o docente tenha capacidade de pesquisar as mais diversas questões que envolvem sua área de atuação.

Márcio dos Santos (2015), ao refletir sobre o campo da história e a indústria audiovisual, afirma que os produtores audiovisuais se tornaram competidores dos historiadores no que tange às múltiplas narrativas históricas e que seria importante que os historiadores compreendam essa linguagem para não perderem espaço, em especial no campo educacional. Para ele:

Os produtores audiovisuais tornaram-se vorazes competidores dos historiadores na tarefa de enunciar os discursos sobre o passado. Entretanto, eles enfrentam essa competição com a vantagem de

poderem veicular suas narrativas históricas em meios de massa. Além disso, as possibilidades de construções narrativas que o aparato audiovisual permite são incrivelmente sedutoras e, de modo inequívoco, apresentam imenso apelo popular. Enfim, a indústria do audiovisual constituiu-se em uma colossal produtora de discursos sobre o passado, demandando, assim, a atenção dos profissionais da história para que compreendam que tipo de narrativa histórica tem sido produzida nas telas e como isso intervém na produção dos discursos contemporâneos sobre os acontecimentos passados (SANTOS, 2015, p. 14).

Outrossim, entende-se que os produtores audiovisuais se utilizam de uma linguagem técnica para dar vida às suas produções, e essa linguagem serve aos grandes meios de comunicação. De acordo com Silvia Marinho:

Os meios de comunicação são, ao mesmo tempo, produtos e meios de produção que estão especialmente sob o domínio do desenvolvimento histórico da sociedade. [...] O exercício crítico, no entanto, leva-nos a desconfiar de tudo aquilo que foi naturalizado e que, justamente, por isso, adquire status de verdade. Desconfiamos, também, da suposta neutralidade de instituições, como, por exemplo, a linguagem. É preciso, principalmente, desconfiar dela, em todas as suas formas de manifestação, pois é através da linguagem que se constrói ou se destrói a história da humanidade (MARINHO, 2015, p. 1).

Segundo Regina Behar (2000, p. 19), o uso do audiovisual no ensino de história pode ser positivo, dado que o cinema sempre foi uma fonte riquíssima para o historiador, pois tanto o que está no filme, como a história de sua produção, testemunha sobre a sociedade e seu tempo. Entretanto, sua utilização requer sempre uma conduta crítica por parte do professor, para não ser utilizado apenas como forma de entretenimento. Nesse contexto, podemos comparar e relacionar o uso do cinema no ensino de história aos canais e vídeos disponíveis no *YouTube*, os quais obviamente estão atrelados ao universo audiovisual. De acordo com Jacqueline Sánchez-Carrero:

[...] é certo que o manejo básico de uma câmera é relativamente simples de aprender, também é fundamental tudo o que leva a compreender quando se comprovam suas possibilidades. Não se trata de “apertar botões”, como sustentam alguns adversários da técnica -normalmente desconhecedores dela-. Trata-se de explorar e se aproximar a esse instrumento que, entre outros muitos do mundo audiovisual, transforma a realidade, como aponta Gerald Milleson. Assim, se juntarmos conhecimento -técnico e semântico- e criatividade para refletir valores positivos do ser humano, então é seguro que estamos pelo bom caminho do ensino audiovisual (CARRERO, 2009, p. 147).

Da mesma forma que o mundo audiovisual pode transformar a realidade, para Paulo Freire a educação também é uma ferramenta de transformação da realidade social,

em especial quando afirma que a educação não transforma o mundo, a educação muda pessoas e pessoas transformam o mundo. Assim, de acordo com Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2013), ser professor significa ter um compromisso constante com as práticas sociais, e para assegurar este compromisso, cabe ao docente trabalhar com metodologias participativas e desafiadoras, estimulando o pensamento crítico dos alunos. Desse modo, no caso da história, metodologicamente, percebemos que a inserção dos vídeos do *YouTube* no ensino de história pode ser um dos meios para o despertar da consciência histórica:

[...] a partir de um trabalho que percorra um caminho que signifique os documentários, os filmes, as entrevistas dentro do conteúdo a ser ministrado em sala de aula, de maneira que se possa “desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que estabeleçam limites no consumo de informação e tecnologias, sem que isso signifique a sua negação” (ARRUDA, 2013, p. 236).

De acordo com Jörn Rüsen (2009), a consciência histórica pode ser entendida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico, pois “[...] o processo mental da consciência histórica pode ser rapidamente descrito como o significar da experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro” (RÜSEN, 2009, p. 168). Portanto, considera-se que a seleção dos vídeos do *YouTube* deve estar plenamente conectada ao conteúdo a ser trabalhado em aula, pois “Não devem ser introduzidos de maneira isolada, sem que haja um processo de reflexão, de apropriação, de uma visão crítica por parte do professor, que deve levar os alunos a refletirem quanto ao assunto que está sendo apresentado” (BISPO; BARROS, 2016, p. 870).

Todavia, os docentes podem optar por fazer o caminho contrário, “[...] ao invés de encontrar um vídeo que seja adequado a sua aula, ele pode fazer da aula, de um projeto ou do que está sendo ensinado um vídeo, em que os alunos produzirão um material sobre determinado assunto e os disponibilizarão na internet”, o que integra e expande o conhecimento produzido em classe com terceiros (BISPO; BARROS, 2016, p. 870).

Há também canais que expõem perspectivas históricas que podem contribuir com o trabalho do professor em sua prática, a fim de “[...] complementar, enriquecer os conteúdos ensinados em sala de aula” (BISPO; BARROS, 2016, p. 870). Nesse sentido, esse artigo analisa os três canais relacionados ao ensino de História, com o maior número

de visualizações, cujas produções estão direcionadas ao ensino médio e ao ensino superior.

O canal “Se Liga Nessa História” está no *YouTube* desde novembro de 2014. Apresenta 379 vídeos, com mais de 876 mil inscritos e 33 milhões de visualizações (dados obtidos em 25 de novembro de 2018) e está inserido no programa *YouTube* Edu. É produzido pelo professor e historiador Walter Solla (responsável pelo conteúdo de história) e por Ary Neto (encarregado pela parte audiovisual). Na entrevista que fizemos com o professor Walter Solla, este afirma que “sempre gostou da disciplina História nos tempos de escola, tinha mais interesse, mais facilidade, mais encantamento”. Por isso “escolheu graduar-se nesta área do conhecimento” (SOLLA, 2018). Assim, vemos que ele atua como docente desde 2011, sendo bacharel e licenciado em História pela Universidade Estadual de São Paulo, como consta na plataforma lattes. Quando perguntado sobre como enxerga o papel do professor na sociedade e no *YouTube*, declarou que:

O professor, na prática, facilita o aprendizado de conteúdos aos alunos. No *YouTube* ele utiliza das possibilidades deste espaço virtual, amigável aos alunos, para produzir vídeoaulas que o aluno pode assistir a qualquer momento, de acordo com sua necessidade e interesse e não só de acordo com a grade horária da escola (SOLLA, 2018).

Em seus vídeos, os *youtubers* procuram trabalhar os temas históricos com senso de humor para romper com os métodos mais tradicionais de ensino, tanto que, quando perguntado “Qual a finalidade de sua aula no *YouTube*?”, Solla declara que “a finalidade é oferecer ao público conteúdo de qualidade, desenvolvido a partir de parâmetros didáticos e de técnicas audiovisuais que garantam maior dinamismo e, por sua vez, maior assimilação pelo público” (SOLLA, 2018).

O “Se Liga Nessa História” também oferece um curso *on-line* pago, chamado “Quarentena Humanas”, acessado por meio de um site que leva o mesmo nome do canal. O curso volta-se para os vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O canal e o curso contam, igualmente, com aulas de Sociologia, Filosofia e Geografia. No que diz respeito às aulas de História, percebemos que estas seguem a divisão tradicional, a partir de uma lógica eurocêntrica, como podemos notar na categorização que o canal faz das aulas, em dois blocos, sendo que o primeiro é denominado “História do Mundo”. Os 38 vídeos deste bloco se ramificam em quatro pequenos blocos: Idade

Antiga (16 vídeos), Idade Média (11 vídeos), Idade Moderna (06 vídeos) e Idade Contemporânea (05 vídeos), como se observa na Figura 2:

Figura 2. Organização dos vídeos “História do Mundo”.

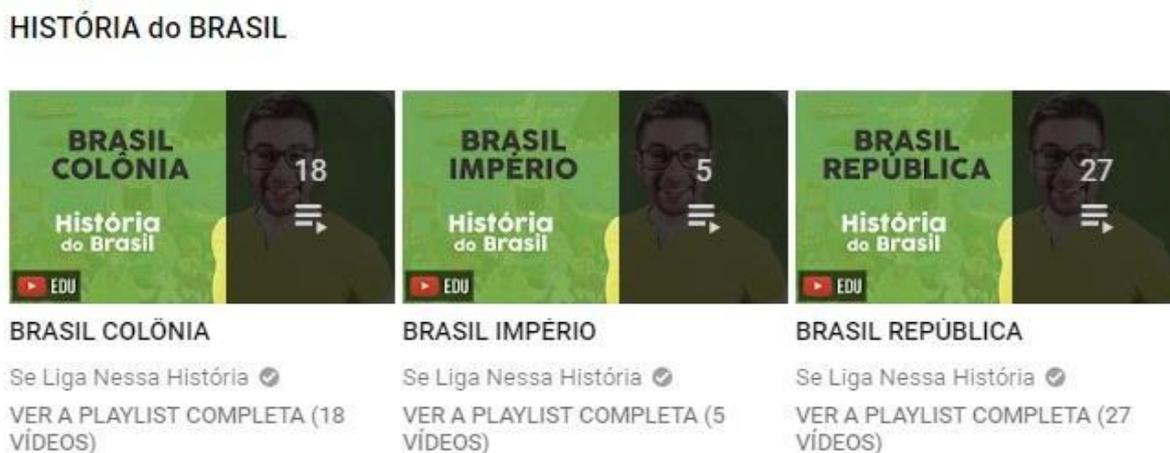


Fonte: “Se Liga Nessa História”, 2018.

Por sua vez, o segundo bloco, denominado “História do Brasil”, se ramifica em 50 vídeos que tem três pequenos blocos, sendo eles: Brasil Colônia (18 vídeos), Brasil Império (05 vídeos) e Brasil República (27 vídeos), conforme podemos observar na Figura 3:

18

Figura 3. Organização dos vídeos “História do Brasil”.



Fonte: “Se Liga Nessa História”, 2018.

Em um dos vídeos do canal que leva o nome “Quem é o Professor Walter?”, Solla afirma que desde muito jovem se interessava pelos conhecimentos históricos, mas não

imaginava os caminhos que percorreria, e que desejava uma educação diferente, até que reencontrou um amigo da universidade, Ary, e juntos criaram o canal no *YouTube* para dar aulas de História. Assim, os conteúdos criados em conjunto passaram a ser distribuídos gratuitamente na plataforma. Ainda no vídeo, Solla diz não ser grande entusiasta do ensino à distância. Porém, para ele o *YouTube* possibilitou o contato com uma quantidade maior de estudantes que anteriormente em suas experiências presenciais em sala de aula. No momento em que foi perguntado “O que o *Youtube* significa para você? O que o motivou a criar um canal de História na plataforma?”, Solla respondeu que:

O YouTube é um canal de comunicação entre o produtor de conteúdo e o público, assim como o jornal, a TV e o rádio. O que me motivou criar um canal de História foi a possibilidade de atingir um público maior que em uma aula presencial; a pouca burocracia para isso; o baixo custo; possibilidades didáticas garantidas pelo audiovisual; e a intenção de obter sustento a partir disso (SOLLA, 2018).

Ressalta-se que o canal traz entrevistas com figuras importantes de outros segmentos fora do campo acadêmico, como o *rapper* e poeta Fábio Brazza. A entrevista leva o nome de “*rap* e educação” e ilustra a importância do *rap* como suporte para o desenvolvimento de uma consciência histórica. Outra característica do canal é que ele não modera os comentários, pois permite que qualquer usuário da plataforma se manifeste mediante tal ferramenta.

Assim, acreditamos que o fato de o “Se Liga Nessa História” apresentar os vídeos numa perspectiva cronológica, de certa forma pode facilitar para que os alunos se situem no espaço-tempo, porém, também acaba reproduzindo a história tradicional. Além disso, como já mencionamos, as entrevistas rompem com os dogmas tradicionais acadêmicos, ou seja, boa parte dos entrevistados, além de não fazerem parte da academia, utilizam uma linguagem mais acessível ao público, facilitando a difusão do conhecimento. Outro elemento interessante a se destacar é o uso do humor como ferramenta de aproximação entre o *youtuber* e os seus espectadores, pois conceitos básicos da historiografia são apresentados com grande senso de humor.

O próximo canal analisado se chama “Vamos falar de História?”. Criado por Felipe Dideus, está no *YouTube* desde setembro de 2013, contando com 282 vídeos postados, mais de 418 mil inscritos e 25 milhões de visualizações (dados obtidos em 25 de novembro de 2018). Felipe Dideus declarou – quando perguntado sobre como

compreende o papel do professor na sociedade e no próprio *YouTube* – que “enxerga os professores como os responsáveis pelo futuro e base de uma sociedade estável” (DIDEUS, 2018). Dos três *youtubers*, Felipe Dideus é o único que não concluiu a graduação em História. Segundo ele:

Estudei História durante seis meses na Universidade de Taubaté, porém, não concluí por falta de recursos financeiros. Então, não sou formado em História. Sempre gostei muito de Segunda Guerra Mundial. Estudando o tema, lendo livros, assistindo professores, documentários, filmes, acabei me apaixonando perdidamente pelo tema. Vi que muitos países, inclusive a própria Alemanha, valorizavam seus veteranos de guerra. Valorizavam de uma forma honrosa. Foi quando eu me perguntei sobre os soldados brasileiros. Sempre vi muita gente desmerecendo nossos veteranos. Fui atrás e pesquisei muito. Descobri grandes histórias e isso aumentou mais ainda meu gosto por assuntos militares. Procurei narrar as histórias dos nossos combatentes para mostrar que eles não mereciam tal desmerecimento e que assim como qualquer soldado que lutou na segunda guerra mundial, os nossos também tiveram seu valor (DIDEUS, 2018).

Logo de início podemos observar que a descrição do canal diz que se propõe a divulgar as informações de uma forma simples e objetiva, finalizando com uma frase atribuída ao filósofo e historiador francês Ernest Renan: “O talento do historiador consiste em compor um conjunto verdadeiro com elementos que são verdadeiros apenas pela metade”. Quando perguntado sobre “Quais vantagens e desvantagens o *YouTube* pode trazer para o ensino de História?”, Felipe Dideus nos respondeu que:

A grande vantagem do Youtube é que hoje você encontra muita informação que antes era propagada parcialmente. Há 15 anos, grande parte da população brasileira tinha acesso somente a um lado da História, lado este proposto pela mídia e pelo sistema educacional do governo. O Youtube deu voz para milhares. A grande desvantagem, por outro lado, é que o Youtube também foi usado para propagar muita desinformação histórica (DIDEUS, 2018).

O canal estrutura seu conteúdo em dez blocos de vídeos, separados por temáticas, sendo elas: Envios Recentes / Todos os Vídeos (282 vídeos), Temas Paralelos (128 vídeos), História do Brasil (73 vídeos), Poder Militar (15 vídeos), Mitologias | Mitos | Lendas (22 vídeos), História Geral (27 vídeos), O Outro Lado da História (06 vídeos), Teorias da Conspiração (04 vídeos), Os Últimos Envios e Guerras (10 vídeos). Como se observa na Figura 4.

Figura 4. Organização dos vídeos “Vamos Falar de História?”.



Fonte: “Vamos falar de História?”, 2018.

“Vamos falar de História?” apresenta uma série de vídeos voltados para as histórias de guerras e conflitos que envolvem grandes figuras militares e distintas nações, como podemos observar em alguns dos títulos dos vídeos, tais como: “Insurreição Pernambucana, a GUERRA contra os HOLANDESES”; “A Coréia do Norte pode ser uma ameaça para o Brasil?”; “O Brasil tem munição para apenas uma hora de guerra?”; “O pai de todas as bombas vs a mãe de todas as bombas”; “1964 - O golpe militar”; “O outro lado do Regime Militar Brasileiro”; “Os três heróis brasileiros”; “Guerra do Paraguai | Ep-1”; “O outro lado da União Soviética”; “Guerra do Vietnã”, “Samurais” e “Mitologia Grega | Ep 6 | Teseu. Nesse sentido, Felipe Dideus mostra-se bastante nacionalista com relação ao Brasil, tanto que em alguns vídeos aparece vestido com uma camiseta da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Já em outros, podemos observar imagens coladas ao fundo do cenário, como por exemplo, fotos e figuras de Ayrton Senna e Dom Pedro II.

Dideus não modera os comentários, ou seja, permite que qualquer usuário do *YouTube* comente seus vídeos livremente. O criador do canal detém e divulga constantemente nos vídeos sua loja virtual, que garante a manutenção do canal, oferecendo a venda de canecas e camisetas personalizadas, que se dividem categoricamente entre as "idades": Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Nos períodos são estampados signos como: o olho de Hórus, o Yin-Yang Chinês, os Templários, a Companhia das Índias Orientais, a bandeira com um lobo dos Confederados, o Bombardeiro B-17, a bandeira da FEB e o brasão do Império do Brasil, entre outros. É interessante notar que nessa linha de valorização do Estado Nação a loja

também oferece produtos com estampas de brasões de famílias do Brasil, trazendo sobrenomes populares como Silva, Santos, Bastos, Moraes, Rodrigues, Carvalho, etc.

Ao que tudo indica, os dois canais apresentados até o momento dedicam ao menos uma parte do conteúdo para explicar acontecimentos históricos com uma linguagem mais informal, além de trazerem conteúdos presentes em vestibulares. Infere-se que estes dois canais atraíam majoritariamente pessoas que estão planejando ingressar no universo acadêmico e que procuram uma linguagem que consideram mais dinâmica e acessível.

Este não é necessariamente o caso do último canal analisado, o “Leitura ObrigaHistória”, que se mostra de grande serventia para os estudantes em processo de graduação, ou que estão na pós-graduação, por apresentar discussões mais aprofundadas, como conceitos históricos e leituras mais específicas da historiografia.

O “Leitura ObrigaHistória” começou como um blog de resenhas de livros acadêmicos, principalmente de história e, após ser ampliado para uma página no Facebook, houve uma projeção da mesma e seu conteúdo migrou para um canal no *YouTube*, tido como somente mais uma plataforma. Criado em agosto de 2015, conta com mais de 126 mil inscritos e 2,7 milhões de visualizações (dados obtidos 25 de novembro 2018). O canal é coordenado pelo professor e historiador Icles Rodrigues, mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por Luanna Jales, professora e historiadora formada pela mesma instituição, e Mariane Pisani, doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

O canal dedica-se a compartilhar conhecimento histórico. Os vídeos apresentam dicas de livros, resenhas e temas históricos diversificados. Os *youtubers* dissecam muitos conceitos históricos de forma clara e objetiva, de modo mais aprofundado e nos parâmetros acadêmicos, por apresentar, por exemplo, muitas referências. É patente que diante da onda de desinformação e manipulação da opinião pública eles se mostram preocupados com a falta de interpretação das pessoas. Quando perguntados sobre “como enxergam o papel do professor na sociedade? E no *Youtube*?”, Icles Rodrigues declarou:

Fundamental. Não dá pra esperar uma resposta muito diferente vinda de um professor. No YouTube, o papel do professor é fazer contraponto à toda essa torrente de ignorância, desinformação, mentiras e manipulação pública, que possuem muito mais audiência do que merecem, se é que mereceriam alguma. Mas não basta repassar informação: é necessário ensinar as pessoas a interpretar textos, prestar atenção no conteúdo e respeitar o mínimo da hierarquia do conhecimento (RODRIGUES, 2018).

O canal organiza e subdivide seu conteúdo audiovisual em quinze blocos, sendo eles: Dicas de livro (65 vídeos), Mulheres na História (10 vídeos), Entrevistas (11 vídeos), História Geral (20 vídeos), Antropológica (06 vídeos), Listas (02 vídeos), FAQ – Respondendo Perguntas Frequentes (03 vídeos), História e entretenimento (01 vídeo), Resenhas de livros (25 vídeos), Conceitos históricos (14 vídeos), Fontes Históricas (06 vídeos), Quem é quem na História? (09 vídeos), Meus livros (*Bookshelf tour*) (04 vídeos), Histórias das Nações (02 vídeos) e Rock & História (11 vídeos), como podemos observar na figura 5:

Figura 5. Organização dos vídeos “Leitura ObrigaHistória”.



Fonte: “Leitura ObrigaHistória”, 2018.

Na seção que integra as entrevistas, o “Leitura ObrigaHistória” traz importantes pesquisadores, como a brasileira Lilia Schwarcz, professora de Antropologia da Universidade de São Paulo e o italiano Giovanni Levi, um dos principais nomes da micro-história. O canal também apresenta entrevistas com doutorandos que estão estudando no exterior –proporcionando ao público do canal o conhecimento de diferentes experiências de pesquisa, especialmente no campo da história. Acreditamos que isso representa uma expansão de caráter internacional e de integração, o qual enriquece os diálogos, os

debates, a compreensão e a dimensão dos conceitos históricos para os espectadores do canal.

Diferentemente do “Se Liga Nessa História” e do “Vamos Falar de História?”, os comentários do “Leitura Obriga História” são moderados, pois passam por um crivo dos criadores antes de virem a público. Assim, criam um ambiente mais saudável e encorajador para que as pessoas participem, evitando comentários ofensivos, maliciosos, entre outros. O que se legitima na entrevista quando perguntamos a Rodrigues “Como se dá sua relação com o público?”, tendo ele respondido:

Em geral, costuma ser pacífica. Os encrenqueiros são todos banidos permanentemente do canal, sendo impedidos de comentar novamente, e o *feedback* positivo é constante, incluindo estudantes, professores, aposentados, adolescentes... Todas as faixas-etárias. Segundo dados do *YouTube*, apenas 27% do meu público é feminino, discrepância de gênero que eu confesso não saber explicar o motivo, mas parece que isso é relativamente comum em outros canais relacionados às ciências em geral, ainda que eu não tenha dados para apresentar nesse sentido (RODRIGUES, 2018).

Quando também indagado sobre “Quais as vantagens e desvantagens o *YouTube* pode trazer para o ensino de História?”, Icles Rodrigues declarou:

Eu não acho que haja vantagens específicas para o ensino de História. Acredito que o fato de ela ser uma plataforma primariamente audiovisual pode dar ao historiador a possibilidade de usar muitas fotos e cenas de vídeos para criar um conteúdo mais dinâmico, mas isso vale para basicamente qualquer conteúdo. Já a desvantagem é inerente ao fato inescapável de que História e Política não se separam. Logo, ao falar de história, é virtualmente impossível não permear o conteúdo por política, mesmo que de forma sutil. E não importa que viés você aparente, sempre haverá um nicho do público disposto a te atacar pelo que você pensa ou, pior ainda, pelo que esses sujeitos acham que você pensa, mesmo que não seja verdade (RODRIGUES, 2018).

O *blog* que leva o mesmo nome, traz artigos, dicas de livros e entrevistas, o que comprova que o canal é uma extensão do *blog*, deixando o aprendizado ser alçado de uma forma mais lúdica. O projeto é financiado por colaboradores que podem apoiar com pequenos valores e também conta com uma loja virtual, a “Obrigastore”, que vende camisetas e canecas voltadas para o público das Ciências Humanas. Por meio dessas fontes de renda o canal espera levantar R\$4.500 para se autofinanciar e continuar prosperando.

Assim, ao estudarmos comparativamente os três canais, vemos que “Se Liga Nessa História” está pensado e estruturado para o público estudantil em fase de vestibular,

e aposta no senso de humor e efeitos especiais que o aparato audiovisual proporciona para atrair mais internautas, sendo o *YouTube* utilizado como uma extensão da lógica dos cursinhos pré-vestibulares. Com esse mesmo objetivo de cativar o público pré-universitário, destacamos o canal “Vamos Falar de História?”, de Felipe Dideus, *youtuber* com formação superior incompleta em História devido à falta de recursos financeiros. Seus vídeos focam mais os fatos históricos ligados aos conflitos, principalmente, os militares. Nessa conjuntura, ambos canais trabalham de uma certa forma com as fontes que acabam por reproduzir em seus vídeos uma história factual, episódica, anedótica, biográfica, em rápidas narrativas. Seus objetivos quanto à utilização da plataforma acabam caminhando na contramão da história crítica, documentada e teoricamente fundamentada ao alcance de seu público de forma gratuita.

Por outro lado, o canal “Leitura ObrigaHistória” apresenta diferenças em densidade de conteúdos e critérios metodológicos com o “Se Liga Nessa História” e o “Vamos Falar de História?”. Nota-se uma outra postura do “Leitura ObrigaHistória” na forma como o canal apresenta, indica e referência às fontes, além da maneira que problematiza os conteúdos. Ou seja, há uma preocupação com as interpretações dos fatos e conceitos, bem como um cuidado para não cometer anacronismos cruciais para a aprendizagem histórica. Posto que os vídeos também demonstram atenção com a parte técnica, vale destacar que este canal traz uma imagem e som de qualidade. Dessa forma, consegue atender a demanda da história na plataforma com uma produção de história acadêmica e, ao mesmo tempo, popular e de qualidade.

Considerações Finais

Neste artigo procuramos analisar três canais voltados para o ensino da história. Para tal, estudamos o *YouTube*, a cultura participativa e o mercado educacional. Ao analisar os canais, percebemos que a linguagem audiovisual que está presente nos vídeos do *YouTube*, quando se volta para a área educacional, desperta opiniões dicotômicas entre os aspectos positivos e negativos com relação ao ensino-aprendizagem.

Compreendemos que o lado “sombrio” da educação por meio da plataforma se dá mediante as fundações criadas por grupos empresariais que se aproveitam para explorar e fomentar o ensino à distância, a fim de terceirizar e isentar-se das responsabilidades para com esses profissionais, o que certamente desprestigia e desqualifica o ofício desses

profissionais, em especial, dos professores.

Por outro lado, os vídeos do *YouTube* podem contribuir com o trabalho do professor em sua prática, como recurso didático para o ensino de História, desde que os conteúdos utilizados se deem de forma a serem problematizados por parte dos docentes e discentes, considerando os contextos históricos em que foram produzidos, bem como, as intencionalidades dos diretores, dos cortes, dos produtores, e de tudo que engloba os recursos audiovisuais. Em outras palavras, os conteúdos dos vídeos do *YouTube* não devem ser utilizados como mero entretenimento e, também, não devem ser os principais responsáveis pela formação dos estudantes.

Entendemos que o *YouTube* se tornou uma ferramenta muito importante na atualidade, pois praticamente qualquer indivíduo pode expressar-se por meio dele. Porém, é inegável que existam canais dentro da plataforma que estão produzindo conteúdos que poderiam ser considerados “a-históricos” ou “anacrônicos”, nos quais os fatos, acontecimentos e processos históricos estão sendo distorcidos ideologicamente para atender as demandas conservadoras da sociedade. Desse modo, se faz necessário que os historiadores acadêmicos compreendam com maior profundidade a dimensão pública do seu ofício, indo além dos muros da academia e participando dos debates de interesse público.

Sublinha-se o fato de que no compartilhador de vídeos a lógica avaliativa é invertida. O docente passa a ser avaliado por seus alunos espectadores, e essa lógica favorece ao mercado, pois o professor muitas vezes se vê obrigado a agradar e adaptar-se aos caprichos de seus espectadores. Caso não se renda a tais caprichos, corre o risco de não ter público e nem receita. Consequentemente, torna-se um refém dos ideais da indústria, tanto educacional, quanto do entretenimento, visto que essa cultura em prol de *likes* nos vídeos acaba favorecendo os canais mais bem avaliados e visualizados que podem não ser os que portam maior qualidade de conteúdo.

Portanto, em uma sociedade que nos exige processar as informações o mais rápido possível, o que obviamente abarca a educação, se reproduz uma lógica de *fast-food* das informações, isto é, mais que criticar o papel da tecnologia devemos perguntar-nos o rumo da educação formal frente a formação do pensamento crítico e a sua capacidade para dialogar com essas fontes de informações já instaladas no corpo social.

Referências

ALEXA. *Audience Overlap Tool*. 2018. Disponível em: <www.alexa.com>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação e Sociedade*, v. 9, n. 10, p. 93-102, 2012.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. *Educação* (PUCRS. Impresso), Porto Alegre, v. 36, p. 232-239, 2013.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *O uso do vídeo no Ensino de História*. João Pessoa: Edições CCHLA; Editora Universitária/UFPB, 2000.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front italiano. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 41, n. 3, p. 447-453, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41641>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti; BARROS, Kelly Cristiane. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de História. *Atos de Pesquisa em Educação*, 2016, vol. 11, no 3, p. 856-877.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; IAHN, Luciene Ferreira; BENTES, Roberto de Fino. As Ferramentas da Web 2.0 nas Organizações: vantagens e contextos de utilização. RNTI. *Revista Negócios e Tecnologia da Informação* (Impresso), v. 2, p. 18-33, 2007.

BURGESS, Jean. & GREEN, Joshua. *Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

CAINELLI, Marlene Rosa; RAMOS, Márcia Teté Elisa; CUNHA, Maria de Fátima. Formação de Professores de História: o Princípio Investigativo como Fundamento da Prática de Ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 189-204, jan./abr. 2016.

CARRERO, Jacqueline Sánchez. Pequeños televidentes/Pequeños productores. De cómo los niños participan en la ciudadanía comunicativa. *Palabra Clave*, v. 12, n. 1, p. 7, 2009.

CREATOR ACADEMY. *YouTube Creators*. 2018. Disponível em: <<https://creatoracademy.youtube.com/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

DE OLIVEIRA, Cláudio. TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. *Pedagogia em Ação*, v. 7, n. 1, 2015.

DIDEUS, Felipe. [Entrevista concedida por meio digital]. 05/09/2018.

FERNANDES, Márcio Regis; FERREIRA, Maria Nahir Batista. Vídeo documentário: um instrumento do ensino-aprendizagem de história. *Anais do Encontro Estadual de História do Ceará* (13). 2012. Sobral, Ceará. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/263342956/VIDEO-DOCUMENTARIO-UM-INSTRUMENTO-Do-Ensino-Aprendizagem-de-Historia>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

ESTUDO VIDEO VIEWERS. *Press Event – Brandcast*. 2017. Disponível em: <<http://www.michaeloliveira.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Video-Viewers-2017-Brandcast-Press-Event.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46ªed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUZMÁN, Alba Patricia; MORAL, Maria Esther Del. Tendencias de uso de YouTube: optimizando la comunicación estratégica de las universidades iberoamericanas. *Observatorio (OBS*)*, v. 8, n. 1, p. 69-94, 2014.

LEITURA OBRIGAHISTÓRIA. YouTube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg/playlistsplaylists>>. Acesso: 25 nov. 2018.

LENHARDT, Amanda; MADDEN, Mary. *Teen Content Creators and Consumers*. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project, 2005. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2006/PIP%20Bloggers%20Report%20July%2019%202006.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da historiografia*, n. 15, p. 27-50, 2014.

MARINHO, Sílvia Maria Santos. Os meios de comunicação e sua influência na sociedade atual. *Anais do II Congresso Nacional de Educação*. 2015. Campina Grande, Paraíba. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_M D1_SA16_ID6627_17082015025331.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

MATTAR, João. *Youtube na educação: o uso de vídeos em EaD*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Revista Tempo*, vol. 11, núm. 21, jul, 2006, pp. 5-16.

MOTTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação–E-compós*, Brasília 17, n. 3, 2014.

PEDRO, Alexandra Raquel. Os museus portugueses e a Web 2.0. *Revista Ciência da Informação*, v. 39, n. 2, 2010.

PEW RESEARCH CENTER. Internet & American Life Project. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org>>. Acesso em: 20/05/2018.

RODRIGUES, Icles. [Entrevista concedida por meio digital]. 04/09/2018.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p.163-209, 2009.

SANTOS, Márcio Tavares dos. *Memória cinematográfica: a reconstrução histórica das ditaduras brasileira e chilena através da produção fílmica de Lúcia Murat e Pablo Larraín*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2015.

SE LIGA NESSA HISTÓRIA. YouTube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1/playlists>>. Acesso: 25 nov. 2018.

SOLLA, Walter. [Entrevista concedida por meio digital]. 09/11/2018.

THINK WITH GOOGLE. *De Play em Play*. Jul/2017. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

VAMOS FALAR DE HISTÓRIA? YouTube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/vamosfalardehistoria/playlists>>. Acesso: 25 nov. 2018.

WE ARE SOCIAL. *Measurement & Analytics*, 2018. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

YOUTUBE. *YouTube em números*. Disponível: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

YOUTUBE EDU. *YouTube Edu*. Disponível em:<https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUIC-CR2s8AjIwg/about>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Artigo recebido em 03 de abril de 2019. Aprovado em 14 de maio de 2019.